O AMOR A JESUS

C. H. Spurgeon



Amor a Jesus

Por C. H. Spurgeon

Traduzido do Inglês
Love To Crist — Sermon Nº 338
The New Park Street Pulpit — Volume 6
By C. H. Spurgeon

OEstandarteDeCristo.com © 2016

Tradução do Inglês para o Espanhol por Allan Román
Tradução do Espanhol para o Português por William Teixeira
Revisão por Camila Almeida
Capa e Edição por William Teixeira

Texto original via: SpurgeonGems.org
Adaptado a partir de The C. H. Spurgeon

Collection, Version 1.0, Ages Software.

1ª Edição em Português: Fevereiro de 2016

Traduzido e publicado em Português com permissão de Emmett O'Donnell em nome de SpurgeonGems.org

As citações bíblicas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Amor a Jesus

(Sermão Nº 338)

Pregado na manhã de domingo, 30 de setembro de 1860.
Por C. H. Spurgeon, no Exeter Hall, Strand, Londres.

“Ó tu, a quem ama a minha alma.” (Cânticos 1:7)

Se a vida de um Cristão pudesse ser comparada a um sacrifício, então a humildade cava a base, a fundação para o altar; a oração traz as pedras não lavradas e as empilham umas sobre as outras; a penitência enche de água o rego ao redor do altar; a obediência ordena a madeira; a fé argumenta com Yahwéh-Jiré, e coloca a vítima sobre o altar; porém o sacrifício está incompleto até este momento, pois, onde está o fogo? O amor, só o amor pode consumar o sacrifício provendo o necessário fogo celestial. Independentemente do que nos falte em nossa piedade, assim como é indispensável que tenhamos fé em Cristo, assim também é absolutamente imprescindível que amemos a Cristo. O coração que está desprovido de um sincero amor por Jesus, ainda está morto em seus delitos e pecados. E se alguém se atreve a afirmar que tem fé em Cristo, porém não O ama, nós, imediatamente, ousaríamos declarar categoricamente que sua religião é vã.

Talvez a grande carência da religião de nossos tempos seja o amor. Algumas vezes considero o mundo em geral, e a Igreja que está muito

comprometida em seu meio, e eu tendo a pensar que a igreja tem luz, mas carece de fogo. Ela tem alguns níveis de fé verdadeira, um conhecimento claro, e muitas outras coisas que são preciosas, todavia carece, em grande medida, deste amor ardente, com o qual ela outrora, como uma virgem casta, caminhou com Cristo através do fogo do martírio; quando ela mostrou a Ele seu imaculado e inextinguível amor, nas catacumbas da cidade e nas cavernas das rochas; quando a neve dos Alpes podia testificar acerca da pureza virginal do amor dos santos, pela mancha escarlate que mostrava o derramamento de seu sangue na defesa de nosso Senhor ensanguentado — sangue que foi derramado em defesa dAquele a quem, ainda que não houvessem visto Seu rosto "incessantemente adoravam".

Minha agradável tarefa no dia de hoje é motivar as suas mentes conhecedoras da verdade, para que, como parte da Igreja de Cristo, de alguma maneira vocês sintam hoje amor a Ele em seus corações, e possam dirigir-se a Ele, não somente com o título: "Ó tu, em quem confia minha alma", mas também:

“Ó tu, a quem ama a minha alma”. No domingo passado, se recordam, falamos acerca da fé simples, e procuramos pregar o Evangelho aos ímpios. Nesta hora, nos dedicaremos a falar da chama do amor puro, nascido do Espírito, semelhante a Deus, a divina chama do amor.

Ao refletir sobre meu texto, eu o considerarei desta maneira: primeiro, vamos escutar a retórica dos lábios, tal como lemos nestas palavras: “Ó tu a quem ama a minha alma”. Em seguida, analisaremos a lógica do coração, que nos justifica em dar um título como este a Cristo. E em terceiro lugar, vamos chegar a algo que ultrapassa inclusive a retórica e a lógica, a absoluta demonstração na vida diária. E rogo que sejamos capazes de provar constantemente, por meio de nossas ações, que Jesus Cristo é Ele, a quem amam as nossas almas.

I. Então, primeiro, devemos considerar que o amoroso título de nosso texto expressa a

RETÓRICA DO LÁBIO. O texto chama a Cristo: “Tu a quem ama a minha alma”. Tomemos este título e façamos em certa medida sua dissecação.

Uma das primeiras coisas que chama a nossa atenção, quando nos dispomos a analisá-lo, é a realidade do amor que é aqui expressado. Eu digo realidade entendendo o termo “real”, não em contradição com o que é falso ou fictício, mas em contraste com o que é duvidoso e incerto. Não veem que a esposa fala aqui de Cristo como de alguém que ela sabia que realmente existia? Não como uma abstração, mas como uma pessoa. Ela fala dEle como uma pessoa real, “tu a quem ama a minha alma”. Bem, estas parecem ser as palavras de uma mulher que está apertando-O contra seu peito, que O vê com seus olhos, que segue ativamente Suas passadas, que sabe quem Ele é, e que Ele recompensará o amor que O busca diligentemente.

Irmãos e irmãs, frequentemente há uma grande deficiência em nosso amor a Jesus. Não cremos na realidade da pessoa de Cristo. Pensamos em Cristo, e logo amamos o conceito que temos formado dEle. Porém, ah! quão poucos Cristãos veem seu Senhor

como uma pessoa real como nós mesmos, homem verdadeiro: um homem que sofreu, um homem que morreu, carne substancial e sangue. Deus verdadeiro tão real como se não fosse invisível, e tão verdadeiramente existente como se pudéssemos compreendê-lO com nossas mentes. Nós precisamos que o Cristo real seja pregado mais plenamente, e que seja amado mais plenamente pela Igreja.

Falhamos em nosso amor porque Cristo não é real para nós como foi para a Igreja primitiva. A Igreja primitiva não pregava muita doutrina. Eles pregavam a Cristo. Pouco falavam das verdades relativas a Cristo; pregavam o próprio Cristo, Suas mãos, Seus pés, Seu lado, Seus olhos, Sua cabeça, Sua coroa de espinhos, a esponja, o vinagre, os cravos. Oh! Anelamos o Cristo de Maria Madalena, mais do que o Cristo do teólogo analítico; deem-me o corpo ferido da Divindade, em vez do mais sadio sistema de teologia. Permitam-me explicar-lhes o que quero dizer.

Suponham que um bebê fosse arrebatado de sua mãe, e vocês buscassem fomentar nele o amor por sua progenitora, constantemente ilustrando a ele a

ideia de uma mãe, procurando incutir nele o pensamento sobre a relação de uma mãe com seu filho. Em verdade, meus amigos, eu creio que vocês teriam uma tarefa difícil se intentam arraigar no menino o amor verdadeiro e real que deveria sentir pela mãe que lhe deu a luz. Porém, deem uma mãe a esta criança, que seja embalado pelo peito real desta mãe, que seja nutrido de alimento pelo próprio coração da mãe; que veja sua mãe; que sinta-a; que ponha seus bracinhos ao redor do pescoço real da mãe, e então não teriam uma difícil tarefa para que amasse tal mãe.

O mesmo sucede com o Cristão. Necessitamos de Cristo, não um Cristo pintado, abstrato e doutrinal, mas um Cristo real! Eu poderia pregar-lhes durante muitos anos, procurando infundir em suas almas um amor a Cristo; porém, enquanto, não sentirem que Ele é um homem real e uma pessoa real, realmente presente com vocês, e a quem podem falar-Lhe, conversar com Ele, e comentar de suas necessidades, não alcançariam facilmente um amor semelhante ao do texto, de tal maneira que poderiam dizer-lhe: “Tu a quem ama a minha alma”.

Cristão, quero que sinta, que teu amor por Cristo não é uma mera afeição religiosa, mas, que, assim como amas a tua esposa, assim como amas a teu filho, como amas a teus pais, assim amas a Cristo; ainda que o teu amor a Ele seja de uma forma mais refinada, e de um modo mais elevado, contudo, é tão real como o de uma paixão terrena. Permita-me, sugerir-lhes outra figura. Uma guerra é deflagrada na Itália pela causa da liberdade. O simples pensamento de liberdade alimenta o soldado. O pensamento de herói converte o homem em herói! Ainda que eu fosse e me pusesse entre o exército e lhes anunciasse acerca do que devem ser os heróis, e o que devem ser os homens valentes que lutam pela liberdade, meus queridos amigos, a eloquência mais zelosa teria pouco poder. Porém ponham diante destes homens um Garibaldi — o heroísmo encarnado — ponham diante de seus olhos esse homem enaltecido, semelhante a um antigo romano recém-saído de sua tumba, e veriam diante deles o significado da liberdade, e o que a ousadia significa, o que a coragem pode experimentar, o que o heroísmo pode realizar! E inflamados por sua presença real, seus braços se fortaleceriam, suas

espadas se aguçariam, e se lançariam à batalha com presteza; sua presença asseguraria a vitória, porque pela sua presença compreenderiam a mentalidade que torna os homens corajosos e fortes.

Da mesma maneira, a Igreja necessita sentir e ver um Cristo real em seu meio! Não é a ideia de desapego, não é a ideia de devoção; não é a ideia da autoconsagração o que tornará poderosa a Igreja: tem que ser esta ideia encarnada, consolidada, personificada na existência verdadeira de um Cristo real no acampamento dos exércitos do Senhor. Eu oro por vocês, e peço que vocês orem por mim, para que cada um de nós tenha um amor no qual Cristo seja uma realidade e que se possa dizer a Ele assim: “Ó tu a quem ama a minha alma”.

Porém, novamente, olhem para o texto e percebam claramente algo mais. A Igreja, na expressão que utiliza referente à Cristo, não fala unicamente com uma consciência de Sua presença, mas, sim, com uma firme segurança de seu próprio amor. Muitos de vocês, que efetivamente amam a Cristo, raras vezes podem ir mais adiante e dizer: “Ó tu a quem minh'alma deseja amar! Ó tu a quem

espero amar!”. Porém esta frase não diz isso de modo algum. Esta expressão não encerra a menor sombra de dúvida ou medo: “Ó tu a quem ama minha alma!”.

Acaso não é uma circunstância feliz para um filho de Deus que sabe que ama a Cristo? Que possa falar do tema como um assunto de consciência? Que é algo a que não se podem contrapor todos os arrazoamentos de Satanás? Que é algo pelo qual pode colocar sua mão em seu coração e apelar a Jesus e dizer: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo” [João 21:17]. Pergunto: Acaso não é este um prazeroso estado de espírito? Ou melhor, inverto a pergunta: Acaso não é miserável a condição do coração quando falamos de Jesus de uma maneira que não reflete um afeto seguro?

Ah, meus irmãos e irmãs, podem vir tempos nos quais o coração mais amante tenha dúvidas acerca de seu amor, provenientes do próprio fato de que ama intensamente e ama sinceramente. Porém, esses tempos serão tempos de angústia, ocasiões de examinar cuidadosamente a alma, noites de aflição. Aquele que ama verdadeiramente a Cristo não

permitirá que seus olhos se fechem, nem que dormitem suas pestanas, enquanto tenha dúvidas de que seu coração pertença a Cristo. “Não”, diz, “este é um assunto demasiado valioso para mim e devo questionar-me se realmente possuo amor ou não, isto é algo tão vital, que não o posso passar por alto com um ‘talvez’, como um assunto trivial. Não, devo saber se amo a meu Senhor ou não, se sou Seu ou não”.

Se estou me dirigindo a alguém no dia hoje que tenha dúvidas de amar a Cristo, mas deseje fazê-lo, te suplico, meu querido amigo, não permanece tranquilo em seu estado mental presente; nunca esteja satisfeito enquanto não saibas que estás apoiado na Rocha, e enquanto não estejas absolutamente seguro que, em verdade, amas a Cristo.

Imaginem por um momento que algum dos apóstolos houvessem dito a Cristo que cria que Lhe amava. Imagine por um instante que sua própria esposa lhe dissesse que ela esperaria amá-lo. Imaginem o seu filho, sentado em seus joelhos, dizendo-lhes: “pai, creio que te amo, às vezes”. Isto

equivaleria a que lhes dissesse algo muito doloroso! Sentiriam o mesmo que lhe houvesse dito: “Te odeio!”. Por quê? O que acontece? Acaso aquele, a quem cuido tanto, simplesmente pensa que me ama? Acaso a filha, que aperto contra meu peito, duvida, e faz tema de conjectura, se seu coração é meu ou não?”. Ó Deus não queira nem que sonhemos que tal coisa nos suceda em nossos relacionamentos comuns da vida! Então, a que se deve que a toleramos em nossa piedade? Acaso não se trata de uma piedade enferma e piegas? Não é um mórbido estado do coração, o que nos conduz sempre a esta condição? Acaso não é da mesma forma uma condição mortal do coração a que permite nos contentarmos com isto? Não, não podemos estar tranquilos até que sejamos conduzidos à segurança e à certeza, mediante a obra completa do Espírito Santo, para que possamos dizer com uma língua convicta: “Ó tu a quem ama a minha alma”.

Agora, notem algo mais, igualmente digno de nossa atenção. A Igreja, a esposa, quando fala assim de seu Senhor, dirige nossos pensamentos não simplesmente à sua convicção de amor, mas à

unidade de seus afetos com relação a Cristo. Não tem dois amantes, mas Um só. A Igreja não diz: "Ó vocês nos quais está posto meu coração!", não, ela diz, "Ó tu!", não tem senão Um por quem seu coração suspira. Tem juntado seus afetos em um ramalhete e os tem convertido em somente um afeto, e logo tem colocado este monte de mirra e de especiarias sobre o peito de Cristo. Ele é para a Igreja o "totalmente desejável", a soma de todos os amores que uma vez andaram dispersos. Tem posto diante do sol de seu coração um espelho ustório que reuniu todos os raios de seu amor em um foco, e todo o seu amor está concentrado, como todo seu calor e sua veemência, no próprio Cristo Jesus. Seu coração, que uma vez assemelhava-se a uma fonte da qual brotavam muitos ribeiros se tornou uma fonte possui somente uma vertente para as suas águas. Tapou todas as outras saídas, acabou com todas as outras vias, e agora o ribeiro, provido de uma forte corrente, corre a Ele e unicamente a Ele.

A Igreja, em nosso texto, não é uma adoradora de Deus e também de Baal; ela não é uma contemporizadora que tenha um coração para todos

os que a assediem. Não é com a rameira, cuja porta está aberta para qualquer viajante; não, ela é como a mulher casta, que não vê a ninguém senão a Cristo, e não conhece a quem sua alma deseje, senão ao Senhor crucificado.

A esposa de um nobre persa foi convidada para participar da festa de casamento do rei Ciro. Em seu retorno, o marido perguntou animadamente se não considerava que o noivo-monarca era um homem muito nobre. Sua resposta foi: "Eu não sei se é nobre ou não, o meu esposo estava tão nobre aos meus olhos, que não vi ninguém senão ele, eu não vi nenhuma beleza senão nele". Assim, se perguntarem à alma Cristã do nosso texto:" Não é fulano de tal formoso, amável?", "Não", ela responde, "meus olhos estão fixos em Cristo. Meu coração está tão entregue a Ele, que desconheço se existe beleza em outro lugar, eu sei que toda a beleza, e todo encanto se resumem nEle".

Sir Walter Raleigh costumava dizer: "Se todas as histórias dos tiranos, a crueldade, o sangue, a concupiscência, a infâmia, todos fossem esquecidos, todas essas histórias poderiam ser reescritas

novamente com base na vida de Henrique VIII". E eu poderia dizer para contrastar: "Se todo o bem, todo o amor, toda a bondade e toda a fidelidade que já existiram fossem completamente esquecidos, tudo poderia ser reescrito baseado na história de Cristo". Cristo é o único que ama a alma do Cristão; o Cristão não possui diversos, nem dois amantes; fala dEle como de alguém a quem deu todo o seu coração, e ninguém mais participa desta entrega. "Ó tu a quem ama a minha alma".

Respondam, irmãos e irmãs, amamos a Cristo dessa maneira? O amamos de tal forma que podemos dizer: "Em comparação com o nosso amor por Jesus, todos os outros amores são como nada"? É verdade que temos estes doces amores que tornam a terra querida para nós; realmente amamos nossos parentes segundo a carne, pois estaríamos abaixo dos animais se não os amássemos. Mas, alguns de nós podem afirmar: "Nós, em verdade, amamos a Cristo mais do que o marido ou a esposa, do que o irmão ou a irmã". Às vezes, poderíamos dizer como São Jerônimo: "Se Cristo me ordenasse ir por este caminho, e se minha mãe se pendurasse no meu

pescoço para me levar para outro caminho, e se meu pai estivesse no meu caminho, implorando de joelhos e com lágrimas nos olhos que eu não fosse, e se meus filhos, agarrando-se às minhas pernas, me procurassem levar por outro caminho, eu escaparia da minha mãe, empurraria o meu pai ao chão, e iria deixar os meus filhos, pois devo seguir a Cristo". Nós não podemos dizer a quem amamos mais enquanto eles não entrem em conflito. Mas quando passamos a ver que o amor dos mortais requer que façamos isto, e o amor de Cristo, que façamos o oposto, então nós saberemos a quem amamos mais.

Oh! os dias dos mártires foram muito difíceis! Aquele bom homem, por exemplo, o Sr. Nicholas Ferrar, que era pai de doze filhos, todos pequenos. Seus inimigos haviam concebido o plano de que sua esposa deveria encontrá-lo acompanhada por todos os seus filhos, a caminho da fogueira. Ela os colocou todos de joelhos em uma fila ao longo da rua. Seus inimigos esperavam que neste momento seguramente ele se retrataria, e que buscaria salvar a sua vida por causa de seus amados filhos. Mas, não! não! ele já tinha se entregado a Deus, e poderia

confiá-los ao seu Pai celestial, mas não podia fazer nada de errado, nem mesmo pela felicidade de cobrir estes pequeninos passarinhos debaixo das suas asas e protegê-los com as suas penas. Atraiu cada um para o seu peito, e olhou para cada um, uma e outra vez, e aprouve a Deus colocar na boca de sua esposa e de seus filhos palavras de encorajamento ao invés de desânimo, para ele, e antes de separar-se deles, seus filhos pediram a seu pai que se esforçasse e que morresse bravamente por Cristo Jesus!

Sim, amigos, devemos ter um amor como este, sem rival, que não possa ser dividido, que é como uma maré alta, outras marés podem subir muito ao longo da costa, mas esta vem acima e atinge as próprias rochas e as golpeia ali, enchendo nossas almas até à própria borda. Eu peço a Deus para que possamos conhecer o que significa um amor a Cristo como este.

Além disso, quero colher outra flor para vocês. Se veem a expressão diante de nós, terão que aprender não só a sua realidade, ou sua segurança, ou a sua unidade; também terão que perceber sua

constância: “Ó tu, a quem ama a minha alma”. Não “que amava ontem”, ou, “que pode começar a amar amanhã”, mas, “Ó tu, a quem ama a minha alma”, “Tu a quem eu tenho amado desde que Te conheci, e cujo amor tornou-se tão necessário quanto a minha respiração vital ou o meu ar básico”.

O verdadeiro Cristão é alguém que ama a Cristo para sempre. Não joga “cabo de guerra” com Jesus, pressionando-o hoje contra o peito para, logo em seguida, virar-se e buscar a qualquer Dalila que possa contaminá-lo com suas feitiçarias. Não, ele sente que é um Nazireu para o Senhor, ele não pode e nem será contaminado pelo pecado, em nenhum momento, em nenhum lugar. O amor a Cristo no coração fiel é como o amor da pomba por seu parceiro; ela, se o seu parceiro morre, não pode ser tentada a se casar-se com outro, mas ela ainda fica sobre seu poleiro e suspira a sua alma triste até que ela morra também. O mesmo sucede com o Cristão; se não tivesse a Cristo para amar, ele teria que morrer, porque seu coração tornou-se de Cristo. E assim, se Cristo se vai, o amor não existiria, então seu coração iria também, e um homem sem coração

é um homem morto. Não é o coração o princípio vital do corpo? E o amor, não é o princípio vital da alma? No entanto, existem alguns que professam amar ao Senhor, mas unicamente caminham com Ele aos empurrões, e depois saem errantes como Diná nas tendas dos siquemitas.

Oh! prestem atenção, vocês professos, que procuram ter dois maridos! Meu Senhor nunca vai ser um meio-marido. Ele não é daqueles que aceitaria ter a metade de seu coração. Meu Senhor, embora seja cheio de compaixão e muita ternura, tem um espírito nobre demais para ser meio-proprietário de qualquer reino.

Canuto, o rei dinamarquês, dividiu a Inglaterra com o rei Edmundo *Ironside*, porque ele não conseguia conquistar todo o país, mas o meu Senhor vai possuir cada centímetro seu, ou não quererá nenhum! Ele reinará em você de um extremo da Ilha do Homem até o outro, caso contrário não terá sequer um palmo sobre o solo do seu coração. Ele nunca foi proprietário de metade de um coração, e Ele não se rebaixaria a algo assim.

O que disse o velho Puritano? “Um coração é algo tão pequeno que mal serve de café da manhã para um pássaro, e você diz que é muito grande para Cristo possuí-lo todo?”. Não, entregue-o inteiramente a Ele. É pouquíssima coisa quando você considera o Seu mérito, e muito pequeno quando comparado à Sua amabilidade. Dê-lhe tudo! Que todo o seu coração, sua indivisível afeição seja constantemente, a cada hora, entregue a Ele.

“Você pode apegar-se ao Seu Senhor?
Pode apegar-se ao Seu Senhor,
Quando muitos se desviarem?
Podes testemunhar que Ele tem a Palavra da Vida,
E ninguém mais sobre a terra?
E, você pode resistir como o grupo das virgens,
Com humildade e pureza de coração,
Quem em toda parte seu Cordeiro os guia,
e de Suas pegadas nunca se apartam?
Respondam vocês, ‘Podemos’? Respondam vocês,
‘Podemos,
através do poder constrangedor do Seu Amor’?
Ah, mas lembrem-se de que a carne é fraca,
E tenta escapar da hora da provação.

Mas, rendam-se ao Seu amor que lhes envolve agora,
aos laços dos homens vocês devem renunciar
Pois as cordas de Seu amor, que foi entregue por vocês,
Ao altar lhes ligarão firmemente."
Que seja esta a sua porção, constante, mantendo-se nAquele que os amou.

Farei apenas mais uma observação, para não cansá-los, tentando dissecar desta forma, a retórica do amor. Claramente perceberão em nosso texto a veemência do afeto. A esposa diz de Cristo: "Ó tu, a quem ama a minha alma". Ela não quer dizer que O ama um pouco, que O ama com uma paixão comum, mas ela O ama em todo o profundo sentido da palavra.

Oh, homens e mulheres Cristãos, protesto diante de vocês que eu temo que há milhares de cristãos professos que nunca conheceram o significado da palavra "amor" em relação a Cristo. Eles O têm conhecido no que se refere aos mortais, sentiram sua chama, viram como cada poder do copo e da alma são impulsionados pelo amor, mas não o tem

conhecido em relação a Cristo.

Eu sei que podem pregar sobre Ele, mas vocês O amam? Eu sei que podem orar a Ele, mas vocês O ama? Eu sei que vocês confiam nEle — ou pelo menos pensam que é assim —, mas vocês O amam? Oh, há em seu coração um amor por Jesus semelhante à mulher, que disse: "Oh, beije-me ele com os beijos da sua boca, porque o seu amor é melhor do que o vinho"? "Não", você diz, "isso é muito íntimo para mim". Então, eu tenho medo que você não ama, porque o amor é sempre íntimo. A fé pode permanecer a uma distância, pois seu olhar é salvador, porém a esposa amorosa se achega, pois, deve beijar e abraçar.

Oh, amado, às vezes o Cristão ama tanto o seu Senhor, que a sua linguagem se torna sem sentido para os ouvidos de outras pessoas que nunca experimentaram o seu estado! O amor tem sua própria linguagem celestial, e às vezes eu ouço a alma Cristã falando de modo que os lábios dos mundanos zombam e os homens têm dito: "Esse homem delira e fala disparates, não sabe o que diz". Por esta razão, o amor muitas vezes se torna

místico, e fala em linguagem mística, na qual o estranho não participa. Oh! você deveria ver a alma amante quando seu coração está cheio com a presença de seu Salvador, quando sai do seu tálamo de noiva! Na verdade, é como um gigante refrigerado por vinho novo. Eu a tenho visto vencer dificuldades, andando em ferro quente de aflição, mas seus pés não foram queimados; eu a tenho visto levantar sua lança contra dez mil, e ela os matou de um só golpe. Eu a vi renunciar a tudo que tinha, a despojar-se, por Cristo, e ainda tornou-se mais rica, e ia sendo ataviada com ornamentos enquanto ela fez a si mesma pobre, para poder lançar-se sobre o seu Senhor, e dar-lhe tudo.

Irmãos e irmãs Cristãos, vocês conhecem este amor? Eu sei que alguns de vocês conhecem, porque têm sido claramente evidenciado em suas vidas. Quanto aos demais, eu espero que vocês possam conhecê-lo, de modo que estejam acima da baixa posição que ocupa a maioria da Igreja de Cristo nos dias de hoje.

Levante-se dos lamaçais, brejos e pântanos de mornidão de Laodicéia, levantem-se! Elevem-se

acima do cume do monte, onde terão suas frontes banhadas pela luz do sol, observando a terra aqui em baixo — com suas próprias tempestades sob seus pés, e suas nuvens, e suas sombras para o vale, enquanto falam com Cristo, que fala com vocês desde as nuvens —, são quase arrebatados ao terceiro Céu para habitar com Ele ali.

Assim, eu tentei explicar a retórica do meu texto: "Ó tu, a quem ama a minha alma".

II. Agora, permitam-me abordar **A LÓGICA DO CORAÇÃO**, que está por detrás do texto. Coração meu, por que você deve amar a Cristo? Com que argumento te justificarás? Os estranhos estão ali e me ouvem falar de Cristo, e dizem: "por que você ama o seu Salvador assim? Coração meu, você não pode responder como para fazê-los ver Seu encanto, pois eles estão cegos, mas pelo menos podes ser justificado aos ouvidos daqueles que têm entendimento, pois, sem dúvida, as virgens lhe

amariam, se lhes dissesse por que você O ama.

Nossos corações dão como razão de seu amor a Ele, primeiramente o seguinte: Nós O amamos por Seu encanto infinito. Se não houvesse outra razão, se Cristo não nos houvesse comprado com o Seu sangue, nós ainda sentimos que se tivéssemos corações regenerados, deveríamos amá-lO porque Ele havia morrido por outros.

Às vezes, eu tenho sentido na minha própria alma, deixando de lado o benefício que recebi pela Sua amada cruz e por Sua preciosíssima paixão, o que, supostamente, deve ser sempre o mais profundo motivo de amor. "Nós o amamos, porque Ele nos amou primeiro" [1 João 4:19], mas deixando isso de lado, há tal beleza no caráter de Cristo, tal encanto em Sua paixão, tanta glória nesta abnegação, que é um dever amá-lO.

Eu posso olhar em Teus olhos e não ser atingido por Teu amor? Posso contemplar a Tua cabeça coroada de espinhos sem que meu coração sinta os espinhos em Teu interior? Posso ver-Te na febre da morte sem que arda a minha alma com a febre do

amor apaixonado por Ti? É impossível ver a Cristo, e não amá-lO; você não pode estar em Sua companhia sem sentir imediatamente que está ligado a Ele.

Vá e se ajoelhe ao Seu lado no jardim do Getsêmani, e estou certo de que, enquanto as gotas de sangue caem ao chão, cada uma delas será uma razão irresistível para amá-lO! Ouçam-nO gritar: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?". Lembrem-se que Ele suportou isto por amor aos outros, e terão que amá-lO.

Se vocês já leram alguma vez a história de Moisés, o consideram o maior dos homens, e o admiraram, e o olhariam como um grande colosso, algum gigante vitorioso dos tempos antigos. Porém vocês nunca sentiram uma partícula de amor em seus corações por Moisés; nem poderiam, ele é um caráter que inspira amor, há algo para se admirar, mas nada que gere apego.

Quando veem a Cristo, olham para cima, no entanto, fazem mais do que isso, vocês se sentem atraídos! Não admiram tanto, mas o amam; vocês

não O admiram tanto quanto O amam; não adoram tanto, mas abraçam; Seu caráter encanta, subjuga, supera, e com o impulso irresistível da própria atração de Seu caráter sagrado, atrai diretamente o seu espírito a Ele. Bem disse o Dr. Watts:

"Seu valor, se todas as nações conhecessem,
Certamente toda a Terra O amaria também."

Mas a Alma amante tem ainda outro argumento para amar a Cristo, a saber, o amor de Cristo por ela. "Amarias Tu a mim, Jesus, Rei dos Céus, Deus dos anjos, Senhor de todos os mundos; fixaste Teu coração em mim? Como? Amaste-me desde os tempos antigos, e na eternidade me elegeste para Ti? Continuaste a me amar enquanto as eras se sucediam? Desceste do Céu à terra para ganhar-me para ser Tua esposa, e me amas de tal maneira que não me deixa só neste pobre mundo desértico? E hoje mesmo estás preparando uma casa para mim, onde eu vou morar conTigo para sempre? Senhor, eu viria a ser um homem muito miserável se não sentisse amor por Ti. Devo amar-Te, é impossível resistir, este pensamento de que Tu me amas levou minh'alma a amar-Te!".

A mim! A mim! O que havia em mim? Poderias ver algo belo em mim? Eu mesmo não vejo nada, meus olhos estão vermelhos de tanto chorar, por causa da minha escuridão e da minha deformidade; eu disse para os filhos dos homens: "Não olheis para o eu ser morena; porque o sol resplandeceu sobre mim" [Cânticos 1:6]. E Tu vês belezas em mim? Que visão minuciosa Tu tens, não, mas bem deve ser que Tu tenhas feito dos meus olhos Teu espelho, e Tu vês a Ti mesmo em mim, e é a Tua imagem que amas, com certeza Tu não poderias amar-me! É um texto arrebatador este de Cantares de Salomão, onde Jesus diz à esposa. "Tu és toda formosa, amiga minha, e em ti não há mancha". Você pode imaginar que Cristo lhe diga isto? E, no entanto, lhe disse: "Tu és toda formosa, amiga minha, e em ti não há mancha", tirou sua negrura, e está em Sua presença tão limpa como se nunca houvesse pecado, e tão cheia de encanto como se fosse o que serás quando, finalmente, serás semelhante a Ele.

Oh, irmãos e irmãs, alguns de vocês podem dizer, com ênfase: "Ele me amou? Então eu devo amá-lO". Eu percorro com os meus olhos as fileiras

de assentos, e vejo ali um irmão que ama a Cristo agora, mas há alguns meses atrás, O maldizia. Ali se senta um bêbado, lá outro que esteve preso por crimes; e Ele amou a vocês, sim, a vocês; a vocês que insultavam a esposa de Seu coração, porque ela amava o adorado Nome! Vocês nunca eram mais felizes do que quando violavam Seu Dia [Sabath], e mostravam desrespeito a Seus ministros, e manifestavam ódio à Sua causa, apesar de tudo isso, Ele os amou.

E a mim! Inclusive a mim! Ignorando as orações de uma mãe, apesar das lágrimas de um pai, tendo muito da luz de Deus, e não obstante, pecando, Ele me amou, e me mostrou o Seu amor.

Eu te conjuro, ó coração meu, pelas gazelas e cervas do campo, que te entregues inteiramente ao meu Amado! Que gastes e seja gasto por amor a Ele! Acaso é esta a conjuração do seu coração no dia de hoje? Oh, deve sê-lo, se conhecesses a Jesus, e em seguida soubesses que Jesus te ama! A alma amante nos dá uma razão ainda mais poderosa. Ela sente que deve entregar-se a Cristo, pelo sofrimento de Cristo por ela.

"Posso esquecer o Getsêmani?
Ou ver Tua aflição ali,
Tua agonia e suor sangrento,
E não lembrar de Ti?
Quando a cruz volta a meus olhos,
E me apoio no Calvário,
Ó Cordeiro de Deus! Meu sacrifício!
Devo recordar-Te."

Quando minha vida se desvanecer, isto poderia levar-me a perder as minhas faculdades mentais, mas a memória não amará a nenhum outro Nome, mas somente ao que está registrado ali. As agonias de Cristo gravaram com fogo o Seu Nome em nosso coração; você não pode assistir e ver como O desprezam os soldados de Herodes, você não pode contemplá-lO desprezado e cuspido por lábios servis; não pode vê-lO com cravos traspassando Suas mãos e Seus pés; você não pode assisti-lO em meio às agonias extremas de Sua terrível paixão, sem dizer: "E Tu sofreste tudo isso por mim, então eu devo amar-Te, Jesus. Meu coração sente que ninguém tem direito sobre ele como Tu o tens, porque ninguém mais se entregou a mim como Tu o

fez. Outros podem ter buscado comprar o meu amor com a prata da afeição terrena, e com o ouro de um caráter zeloso e afetuoso, porém Tu o compraste com o Teu precioso sangue, e Tu tens o mais pleno direito a ele — será Teu, e isto para sempre!".

Esta é a lógica do amor. Eu posso muito bem ficar aqui e defender o amor do crente por Seu Senhor. Eu gostaria de ter mais para defender do que tenho. Atrevo-me a me deter aqui para defender as supremas extravagâncias da eloquência, e as mais loucas ações de fanatismo, quando foram feitas por amor a Cristo.

Mas, repito, eu somente desejaria ter mais o que defender nestes tempos degenerados. Algum homem tem renunciado a tudo por Cristo? Eu lhes mostraria que ele é sábio se renunciou a tudo por alguém como Cristo. Um homem morreu por Cristo? Escreva sobre seu epitáfio que, certamente, ele não foi um néscio, pois ele teve a sabedoria de entregar o seu coração por Alguém a quem traspassaram o coração por sua causa.

Que a Igreja fosse extravagante somente por uma

vez, que rompesse os estreitos limites da prudência convencional, e que por uma vez se levantasse e fizesse proezas. Que regressássemos à era dos milagres. Que a Igreja desnudasse seu braço e arregaçasse as mangas de sua formalidade! Deixem-na ir adiante com um pensamento poderoso em si, do qual os mundanos rirão e zombarão, e eu me postaria aqui, e diante do tribunal de um mundo escarnecedor, me atreveria a defendê-la!

Ó Igreja de Deus, você não faz nada extravagante por Cristo! Vocês poderiam fazer sair às ruas suas Marias e elas poderiam quebrar seus vasos de alabastro, justamente Ele tem merecido que se quebre. Poderiam derramar o perfume, e dar rios de unguento, e grande quantidade de gordura de animais cevados, tão somente Ele tem merecido tudo isto.

Eu vejo a Igreja como era nos primeiros séculos, como um exército transtornando, impactando uma cidade, uma cidade que estava cercada por um grande fosso, e não havia maneira de alcançar as muralhas, exceto cobrindo o fosso com os cadáveres dos próprios mártires e confessores da Igreja! Você

pode vê-los? Um bispo acaba de cair, acabam de arrancar sua cabeça com a espada. No dia seguinte, no tribunal, há mais vinte que desejam morrer para seguir o bispo! E no dia seguinte, mais vinte, e a corrente flui até que o fosso gigante é preenchido! Portanto, aqueles que os seguiram, escalam os muros e plantam o estandarte manchado de sangue da Cruz, o troféu de sua vitória sobre as ameias que cercam a cidade.

O mundo poderia perguntar: "Por que todo esse derramamento de sangue?". Eu respondo que Aquele por quem todo esse sangue foi derramado é digno. O mundo pergunta: "Por que este desperdício de sangue? E por que toda essa energia desperdiçada em uma causa que na melhor das hipóteses é fanática?". Eu respondo: "Ele é digno! Ele é digno, mesmo se todo o mundo todo fosse colocado no incensário, e todo o sangue dos homens fosse o incenso, Ele é digno de que tudo isto seja sacrificado por Ele. Ainda que a Igreja fosse sacrificada em um massacre, Aquele em cujo altar foi morta, é digno!".

Embora cada um de nós permanecesse trancado em um calabouço e apodrecesse lá, embora o musgo

crescesse sobre nossas sobrancelhas, mesmo que nossos corpos fossem dados como alimento para os milhanos, e a carniça, aos abutres, Ele é digno de reclamar este sacrifício, e ainda seria um sacrifício muito insignificante para alguém como Ele. "Ó Senhor, restaura na Igreja a força do amor que possa ouvir esse tipo de linguagem, e sentir que é verdade".

III. Agora eu venho para o meu último ponto, sobre o qual eu vou refletir por alguns instantes. A retórica é boa, a lógica é melhor, mas uma **DEMONSTRAÇÃO POSITIVA** é o melhor!

Eu busquei dar-lhes a retórica quando expus as palavras do texto. Tentei dar-lhes a lógica, agora que eu lhes expliquei as razões para o amor, encontrados no texto. Eu agora quero — eu não posso dar-lhes —, mas eu quero que vocês ofereçam, cada um de vocês, o exemplo de seu amor por Cristo em suas vidas diárias. Deixem que o mundo veja que este

não é apenas um rótulo para vocês, uma etiqueta para algo inexistente, senão o que Cristo é para vocês: “Aquele a quem ama a minha alma”. Você me pergunta como o farás, e eu vou te responder assim: “Não peço que você tonsure o seu cabelo e se torne um monge, ou que você, minha irmã, se enclausure e se torne uma freira. Tal coisa poderia mostrar mais o seu amor a ti mesma, do que o seu amor por Cristo. Mas peço-lhe que você para sua casa agora, e durante os dias da semana se envolva em sua ocupação diária, veja como os homens do mundo são chamados a fazer, e siga o chamado que Cristo te fez e procure honrá-lO em teu chamado”.

Para mim, como um ministro, certamente é até certo ponto menos honroso servir a Cristo porque meu chamado obrigado, por assim dizer, dê-me ouro, e para mim, fazer uma imagem de ouro de Cristo a partir deste ouro, é algo pequeno, mas Deus quer encontrar mais do que aquilo que as minhas pobres forças poderiam obter, se não fosse por Sua graça. Mas formar a imagem de Cristo no ferro, ou no barro, ou no metal comum de suas conversações normais, oh, isso certamente será glorioso! Eu penso

que você pode honrar a Cristo em sua esfera, tanto quanto eu posso fazer na minha, talvez até mais, pois alguns de vocês podem enfrentar maiores problemas, podem ter maior pobreza, podem ter mais tentação, mais inimigos e, portanto, vocês, ao amarem a Cristo debaixo de todas estas provações podem demonstrar mais plenamente do que eu jamais poderia fazê-lo, quão verdadeiro é o seu amor por Ele, e como a inspiração de suas almas é o Seu amor por vocês!

Vão, eu digo, e olhem para as oportunidades de amanhã, e no dia seguinte para fazerem algo por Cristo! Falem defendendo Seu querido Nome se alguém O ultrajar, e se encontrarem ferido em Seus membros, sejam como Eleanor, esposa do rei de Inglaterra, que chupou suas feridas para extrair o veneno! Estejam prontos para que seus nomes sejam ultrajados para que Ele não seja desonrado! Levantem-se por Ele, e sejam Seus campeões. Que não Lhe faltem amigos, pois Ele continuou sendo seu Amigo quando você não contava com ninguém. Se você encontrar qualquer pobre entre o Seu povo, mostre-lhe o amor por amor dEle, como Davi fez

com Mefibosete por amor de Jonatas. Se souberes que algum deles está com fome, leva-lhe alimento, como se pusesses o prato na frente do próprio Jesus Cristo. Se vires alguém nu, vista-o, você estará vestindo a Cristo, quando vestires a qualquer um de Seu povo.

Além disso, não somente busques este bem para Seus filhos, mas sempre procure ser um Cristo para aqueles que ainda não são Seus filhos. Vá ao meio dos ímpios, e dos perdidos, e abandonados, e lhes fale as palavras dEle, diga-lhes que Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores. Vá à procura das ovelhas perdidas, seja você um pastor como Ele foi um pastor, e assim mostrarás o seu amor. Dá-Lhe tudo o que puder. Quando vocês morrerem, faça-O herdeiro de algumas de suas propriedades. Eu não acreditaria que amo meu amigo, se às vezes não lhe desse um presente; eu não creria amar a Cristo se não lhe desse algo, se não Lhe comprasse cana aromática com dinheiro, se não O fartasse com a gordura de meus sacrifícios.

Ouvi outro dia uma pergunta sobre um ancião que há muito tempo havia professado ser um

Cristão. Eles disseram que havia deixado tanto e tanto dinheiro, e alguém perguntou: “mas em seu testamento, você deixaria algo para Cristo?”. Alguém riu e considerou a pergunta como ridícula! Ah! Isso é porque os homens não creem que Cristo é uma pessoa; mas se nós possuíssemos esse amor, seria natural que lhe déssemos, que vivêssemos para Ele, e, talvez, se possuíssemos alguma coisa, que Ele herdaria, de tal forma que, mesmo morrendo, pudéssemos dar ao nosso Amigo, em nosso testamento, uma prova que O lembramos, da mesma maneira que Ele se lembrou de nós em Sua última vontade e testamento!

Oh irmãos e irmãs, o que mais precisamos na Igreja é um amor mais extravagante para com Cristo! Eu quero que cada um de vocês mostre seu amor por Jesus, fazendo algumas vezes algo que nunca tenham feito antes. Recordo ter dito uma vez, em uma manhã de domingo, que a igreja deveria ser um lugar de descobertas, como o mundo. Nós não sabemos quais as máquinas que ainda serão inventadas pelo mundo, porém a criatividade humana está em atividade contínua para descobrir

algo novo. Assim também a criatividade da Igreja deve estar ativa para encontrar um novo plano para servir a Cristo.

Robert Raikes fundou as escolas dominicais, John Pounds fundou os "Ragged School", mas deveríamos nós nos contentarmos em continuar o que eles inventaram? Não! Precisamos de algo novo. Foi no Surrey Hall, através daquele sermão, que os nossos irmãos pela primeira vez pensaram nas reuniões que tiveram lugar à meia-noite, uma novidade sugerida pelo sermão que preguei sobre a mulher com o vaso de alabastro. Mas ainda não chegamos ao final. Acaso não há aqui um homem ou mulher que possa inventar algo novo para Cristo? Não há algum irmão ou irmã que possa fazer mais por Ele, do que fez hoje, ou do que fez ontem, ou durante o último mês? Não há alguém que se atreva a ser estranho, e único, e louco, e fanático aos olhos do mundo? Lembrem que não há amor que não seja fanático, aos olhos dos homens! Vocês podem ter certeza que o amor que se limita ao decoro não é amor. Eu desejo que o Senhor coloque algum pensamento em seu coração para dar uma oferta

incomum de ações de graças, para prestar um serviço incomum, de tal forma que Cristo seja muito honrado com o melhor de suas ovelhas, e que a gordura dos seus bois seja sumamente glorificada pela prova de seu amor por Ele.

Que Deus vos abençoe como congregação. Eu só posso invocar a Sua bênção, então, oh, esses lábios se recusam a falar mais do amor que eu confio que meu coração conhece, e que eu desejo sentir mais e mais! Pecador, confie em Cristo antes de procurar amá-lO, e confiando em Cristo você vai amá-lO, por Sua graça.

Amém.

ORE para que o ESPÍRITO SANTO use este sermão para trazer muitos ao conhecimento salvífico de JESUS CRISTO para a glória de DEUS PAI.

.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!

Solus Christus!
Soli Deo Gloria!----